Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 3$00
ASSINATURA ANUAL . . . . . .30$00

Ano X — Número 120

Dezembro de 1972

NATAL

O mundo bracejava em mar de pranto;
Dos reis a tirania mais tornava
Amarga a escravidão.
O tinir das algemas era o canto
Que dentre o caos triste relembrava
Velha culpa de Adão.

O cetro do castigo braço forte
Para a terra inclinou, cobrindo a fronte
Manto de proscrição!
A todos bipatente o umbral da morte
Reinava a malvadez do mar ao monte
Sem medo à perdição.

E o mundo bracejava em mar de pranto.
E lá, quando esperava a terra escrava
Hora de punição,
Por tudo se reflecte um riso santo,
Essa graça que o Céu dantes mostrava:
Baixou a Redenção.

Teófilo Braga

A Propósito do Natal

por E. G. White

O dia 25 de Dezembro passa por ser o dia do nascimento de Jesus Cristo, e a sua observância tornou-se um costume popular. Contudo, não há a certeza de comemorarmos o verdadeiro dia do nascimento do nosso Salvador. A História nada nos garante a este respeito. A Bíblia não nos indica o tempo preciso. Se o Senhor considerasse este conhecimento essencial para a nossa salvação, teria falado através dos Seus profetas e apóstolos, para que conhecêssemos tudo acerca deste assunto. Mas o silêncio das Escrituras sobre este ponto mostra que essa data nos está velada por razões sábias. Na Sua sabedoria, o Senhor ocultou o lugar onde Moisés foi sepultado. Deus sepultou-o, ressuscitou-o e conduziu-o ao céu. Este segredo devia impedir a idolatria. Aquele contra quem se tinham rebelado enquanto estivera ao serviço activo, a quem provocaram dir-se-ia para além dos limites humanos, foi quase adorado como Deus após deles se separar pela morte. Pela mesma razão foi-nos velado o dia exacto do nascimento de Cristo; porque o dia devia receber a honra dada a Cristo como Redentor do mundo — esse que deviam receber, crer e depender como o que viria salvar plenamente todos os que a Ele viessem. A adoração da alma devia ser prestada a Jesus como Filho do Deus infinito.

O dia 25 de Dezembro não se reveste de santidade divina; e não é agradável a Deus que o que diz respeito à salvação do homem por meio do infinito sacrifício em seu favor, seja tão tristemente pervertido do seu plano inicial. Cristo devia ser o objectivo supremo; mas da maneira como o Natal tem sido observado, a glória que lhe é devida tem incidido sobre o homem mortal, cujo carácter pecaminoso e deficiente tornou necessária a Sua vinda ao nosso mundo. Jesus, a Majestade do céu, o Rei celestial, despiu-Se da realeza, deixou o trono de glória, a Sua posição suprema, e veio a este mundo trazer o auxílio divino ao homem caído, moralmente enfraquecido, corrompido pelo pecado. Revestiu a Sua divindade com a humanidade, para que pudesse penetrar nas profundezas da angústia e miséria humanas, levando o homem caído. Assumindo a natureza do homem, este, aos olhos de Deus, subiu na escala de valor moral. Estes excelsos assuntos são quase demasiado elevados, demasiado profundos, demasiado infinitos, para serem entendidos por mentes finitas.

Como o 25 de Dezembro é observado para comemorar o nascimento de Cristo, e as crianças têm sido ensinadas, por preceito e por exemplo, que este é na verdade um dia de alegria e regozijo, achareis difícil passar esse período sem lhe dar alguma atenção. Ele pode ser utilizado para muitos bons fins. Os jovens devem ser tratados com muito cuidado. Não devem ser deixados, no Natal, a procurar divertir-se vãmente, a buscar o prazer, em divertimentos que sejam prejudiciais à sua espiritualidade.

Os pais podem controlar o assunto dirigindo a mente e as dádivas dos filhos para Deus e Sua causa, e a salvação de almas. O desejo de distracção, em vez de ser extinguido e arbitràriamente dominado, deve ser controlado e dirigido mediante cuidadoso esforço por parte dos pais. Seu desejo de dar presentes pode ser guiado para puras e santas direcções, fazendo com que se tornem em bem para nossos semelhantes pelo prover ao tesouro da vasta, grandiosa obra pela qual Cristo veio ao mundo. A abnegação, o sacrifício de Si mesmo, assinalaram Seu

Continua na pág. 4

O Genuíno Significado Hodierno do Natal

por A. Casaca

Mais uma vez, por toda a parte, se celebra o grande acontecimento da primeira vinda de Jesus à Terra. Esta Sua vinda que se realizou na mais profunda humildade passou a ser lembrada com um vocábulo de significado único e como substantivo maiúsculo: NATAL!

Através dos tempos, quando as novas Nações procedentes dos Bárbaros amesendados no Império Romano, que retalharam, tendo deposto as armas começaram a construir à sombra da civilização cristã a nova modalidade de vida, também o Natal foi apresentando, paulatinamente, novos significados.

Não podemos perder de vista a actividade destruidora de Satanás procurando reduzir a zero o plano divino da Redenção e salvação dos homens.

Foi assim que levou os homens a considerarem o Natal como uma das muitas festividades, em que a obra divina aparece desvirtuada e alterada.

O Natal tornou-se numa festa simpática de amizade, de ternura, de convívio, tudo porém, no plano meramente humano, sem um único pensamento para as grandes verdades eternas que constituem o sustentáculo da verdadeira Fé cristã.

A imensa onda de ternura que envolve, de facto, a festividade do Natal estendeu-se ao mundo da infância, ao mundo das crianças.

As crianças começaram a pensar no Natal, a viver o seu Natal, com o pensamento fixo no Menino Jesus — que bem depressa foi destronado pelo famoso Pai Natal! — nesse Menino Jesus, pequenino como as outras crianças que desceria, na Noite de Natal, pelas chaminés das casas a deixar-lhes brinquedos, muitos brinquedos.

Inventaram-se as cartas para o Menino Jesus com os pedidos de brinquedos mais desejados!...

E, pouco a pouco, se formava a ideia de que o Menino Jesus dava as melhores coisas aos meninos ricos, só aos ricos, que tudo tinham, esquecendo-se dos pobres, que nada tinham!...

E, assim, se foi deformando, a Pessoa de Jesus na mente das crianças que, mais tarde crescidas, aceitariam fàcilmente as doutrinas que negavam a divindade de Jesus e, até mesmo a Sua historicidade humana.

Mas a actividade satânica dirigiu-se noutra direcção.

Perante o grito de alarme da Igreja Remanescente alertando o mundo sobre a Segunda Vinda de Jesus, Satanás empalmou a quadra do Natal para, mais uma vez, desviar as atenções dos homens, dos Cristãos, para a grande realidade da Vinda iminente do nosso divino Salvador.

E, infelizmente, tem-o conseguido.

Por toda a parte se comemora o Natal com o pensamento bem fixo nesse grande acontecimento que foi o nascimento de Jesus. Há livros aos montes tratando do assunto, descrevendo-o em todas as tonalidades do lirismo, do amor, da beleza, há cânticos de Natal de deliciosa inspiração. Passa pela terra um frémito de alegria, de bondade mesmo, durante esta quadra do Natal. Mas tudo isto orientado para a Terra, fazendo-se votos pela paz na

terra, sem um único pensamento para o céu, para a Pátria eterna.

É certo que o primeiro Natal foi absolutamente necessário e indispensável para a humanidade, pois sem ele, Jesus não poderia ter morrido para nos salvar.

A verdade, porém, é que hoje, esse Natal, nada significa, senão um acontecimento histórico de primeira grandeza na História da Humanidade.

Hoje, não nos interessa; não deve interessar ao Cristão.

Isto não quer dizer que não recordemos, com alegria e em são convívio social o evento do nascimento de Jesus.

Mas não podemos ficar por aqui.

Há que recordar a todos os homens que o segundo Natal de Jesus está às portas e que temos de o apressar, para que reine, finalmente, a paz, essa paz que o Mundo deseja mas que não pode dar, porque a não tem.

É nosso dever opormo-nos à actividade do Inimigo que só procura que os homens fixem o primeiro Natal.

Aos Cristãos interessa, apenas o Segundo Natal, que será a Segunda Vinda de Jesus.

Prezados Irmãos e Irmãs! Que na comemoração do Natal de 1972, os nossos pensamentos se dirijam impetuosamente para a Segunda Vinda de Jesus, para que bem depressa possamos viver com o nosso divino Salvador na Nova Terra.

Abençoado Natal.

A Propósito do Natal

Continuação da página 2

procedimento. Que o mesmo assinale o nosso, dos que professamos amar a Jesus; pois n'Ele se concentra nossa esperança de vida eterna.

Não se pode fazer os jovens tornarem-se tão quietos e graves como as pessoas idosas, a criança tão sóbria como o adulto. Conquanto as diversões pecaminosas sejam condenadas, como devem ser, provejam os pais, os professores e responsáveis pela juventude, em vez disto, prazeres inocentes, que não manchem nem corrompam a moral. Não ligueis os jovens a rígidas regras e restrições que os levem a sentirem-se oprimidos, e a romper com elas, precipitando-se nas veredas da loucura e da destruição. Com mão firme, bondosa, considerada, mantendo as rédeas do governo, guiando e controlando sua mente e seus desígnios, fazendo-o todavia com tanta brandura, tão sàbiamente, que eles reconheçam ainda que tendes em vista seu máximo bem...

O segredo de salvar vossos filhos reside em tornar atractivo e agradável o vosso lar. A condescendência por parte dos pais não prenderá os filhos a Deus nem à casa; mas uma firme e piedosa influência para exercitar e educar o espírito, salvaria da ruína muitos filhos.

No Natal, que está prestes a chegar, não tomem os pais a atitude de que um pinheiro colocado na igreja para diversão dos alunos da Escola Sabatina seja um pecado; pois ele poderá ser tornado uma grande bênção. Mantende ante seus olhos objectivos generosos. Em caso algum deve o mero divertimento ser o objectivo dessas reuniões. Conquanto possa haver alguns que tornem essas ocasiões em período de descuidosa leveza, e cuja mente não receba a impressão divina, para outros espíritos e caracteres os mesmos momentos são altamente benéficos. Sinto-me plenamente satisfeita de que substitutos inocentes possam ser imaginados para muitas reuniões desmoralizadoras.

Aproxima-se o Natal. Que todos vós tenhais sabedoria para fazer dele um período precioso. Que os membros mais idosos da igreja se unam, alma e coração, com seus filhos nessa inocente distracção e recreação, imaginando meios e modos de manifestar o verdadeiro respeito para com Jesus mediante o trazer-Lhe ofertas e dons. Lembre cada um as reivindicações divinas. Sua obra não pode ir avante sem o vosso auxílio. Que as dádivas que costumáveis fazer uns aos outros sejam colocadas nos tesouros do Senhor.

Espectativa e Parusia

Se é verdade que os cristãos têm esperado Cristo sem que Ele tenha vindo, também é verdade que, quando Ele realmente vier, o mundo não O esperará. Se é verdade que os cristãos têm imaginado sinais da Sua vinda, quando os não havia, é igualmente verdade que o mundo não verá os sinais da Sua vinda quando eles estiverem presentes.

Esses sinais não são de tal maneira evidentes que não tenhais de os procurar; de tal maneira evidentes que não possais enganar-vos na vossa investigação; e tendes a escolha entre o risco de pensar ver o que não é, ou o de não ver o que é. É verdade que, muitas vezes, em várias épocas, cristãos se enganaram crendo discernir a vinda de Cristo; mas mais vale mil vezes crer que Ele vem quando não vem, do que uma só vez crer que não vem quando vem.

Tal é a diferença entre a Escritura e o mundo: seguindo a Escritura, estaríamos sempre à espera de Cristo; seguindo o mundo, nunca O esperaríamos. Ora, Ele deve vir um dia, cedo ou tarde. Os espíritos do mundo escarnecem hoje da nossa falta de discernimento; mas quem tiver tido essa falta de dicernimento, triunfará então!

E que pensa Cristo do escárneo que hoje fazem? Adverte-nos expressamente, pelo Seu Apóstolo, contra os escarnecedores, que dirão: «Onde está a promessa da Sua vinda?» (2 Pedro 3:4).

Eu preferia ser aquele que, por amor a Cristo e falta de ciência, toma por sinal da Sua vinda algum espectáculo insólito no Céu, cometa ou meteoro, ao homem que, por abundância de ciência e falta de amor, não faz senão rir deste erro.

Observai ainda que, no caso de que falo, as pessoas que aguardam Cristo obedecem a Deus, não apenas pelo facto de aguardar, mas ainda pela maneira como aguardam, pelos próprios sinais segundo os quais aguardam. Sempre, desde o início, os cristãos aguardam Cristo nos sinais do mundo natural e do mundo moral. Se eram pobres e ignorantes, os fenómenos celestes, os tremores de terra, as tempestades, as searas destruídas, a doença, todo o acontecimento prodigioso ou estranho lhes fazia pensar que Ele estava próximo.

Se estavam dispostos a observar o mundo político e social, então as perturbações dos Estados, as guerras, as revoluções tinham também por efeito impressioná-los e manter os seus corações preparados para Cristo.

Ora, todas estas coisas são precisamente as que Ele nos disse para considerarmos e nos deu como sinais da Sua vinda: «E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas... Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.» (Lucas 21:25-28).

CARDEAL J. H. NEWMAN
(1801 - 1890)

O último mandamento com promessa

Quando o apóstolo Paulo, referindo-se à obediência a prestar pelos filhos a seus pais, cita o quinto mandamento, menciona-o como sendo «o primeiro mandamento com promessa».

Esse mandamento faz parte do Decálogo e é o Decálogo que está em mente quando falamos de mandamentos. Pensamos até que somos fiéis cumpridores da vontade de Deus quando nos limitamos a obedecer a esses mandamentos.

É, no entanto, evidente que na Escritura Sagrada existem outros mandamentos, tanto no Velho como no Novo Testamento, a que igualmente se torna necessário obedecer.

É assim que, por exemplo, têm de ser interpretadas as seguintes palavras de Jesus: «Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.» João 13:34. E adiante: «O Meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei.» João 15:12.

E não será verdade que por vezes somos mais meticulosos em obedecer a qualquer preceito do Decálogo do que a este tão claro mandamento do Mestre?

Pouco antes de subir ao Céu, Jesus deu outro mandamento: «Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado.» Mat. 28:19, 20.

O emprego do imperativo mostra bem como Jesus atribuía a esta comissão o carácter de mandamento.

Com efeito, todo o que é chamado das trevas do erro e do pecado para a luz e a glória da salvação é, pelo Salvador, encarregado de anunciar aos outros a mensagem do Evangelho.

Essa tarefa não é confiada apenas aos ministros. Ela incumbe a todo o membro que passou a fazer parte do reino de Deus.

«A ordem de Cristo: Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura, é dirigida a todos os Seus seguidores. Todos os que são chamados à vida de Cristo, o são também para trabalhar pela salvação do próximo. Seu coração palpitará em harmonia com o de Cristo. A mesma paixão pelas almas que Ele sentiu será manifestada neles. Nem todos podem preencher o mesmo lugar na obra, mas há lugar e trabalho para todos.» — *Parábolas de Jesus,* págs. 300, 301.

Este é um mandamento, cuja realização transcende as nossas forças. Quem somos nós para levar os pecadores ao arrependimento, para operar a conversão de almas perdidas no erro e no pecado?

É aqui, mais do que em qualquer outro aspecto da nossa obra, que necessitamos do poder do Alto. E é aqui, precisamente, que temos a promessa d'Aquele que tem «todo o poder no Céu e na Terra»: «Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.» Mat. 28:20.

Quando dedicamos o nosso tempo, as nossas energias, os nossos talentos e os nossos meios ao cumprimento deste mandamento, não ficamos sòzinhos. Temos a promessa de que Jesus, pelo Seu Espírito, estará connosco.

Com tão peremptória promessa, podemos estar certos do êxito.

Ernesto Ferreira

Como evangelizar Angola

«Lança o teu pão sobre as águas porque depois de muitos dias o acharás.» Eclesiastes 11:1.

Estas palavras continuarão a ter significado profundo. O trabalho da colportagem está tomando um vulto notável, a mensagem da página impressa está penetrando em todos os lares, não poupando ricos, pobres, profissões liberais, militares, bancários, operários, camponeses, etc. Quanto aos resultados são os mais impressionantes, que nos deixam surpreendidos e jubilosos, por tantas almas que aceitam a Jesus. Na verdade, os resultados nem sempre são momentâneos; há casos demorados e outros mais espontâneos. Quando o elemento humano, usado por Deus, é convertido e consagrado, e diàriamente procura em comunhão com Deus a sabedoria do Alto para poder ser um instrumento nas mãos do Criador, ao sair ao trabalho com amor e paixão pelas almas, coisa alguma poderá impedir a colocação das palavras da vida e poder, contidas nos livros e revistas. A mensagem é penetrante e profícua e os seus resultados são os mais animadores.

Angola está nas devidas condições para a sementeira, chegou a hora dos abnegados colportores irem de casa em casa levar a preciosa semente do evangelho.

O mal-estar social no mundo, a incerteza do dia de amanhã, os milhões de pessoas sem lar e sem pão, levam o povo a interessar-se mais pelas coisas celestiais e sentir o desejo ardente de encontrar refúgio e quem os conforte nas tristezas e nas injustiças.

Sòmente Cristo é a solução para os problemas da humanidade sofredora. Estimados colportores, procurai cada dia consagrar-vos a Deus e saí ao trabalho com fé e ânimo e amor pelas almas que vivem nas trevas do pecado, anunciai a Cristo como Salvador, dizei que Ele tem a solução para a nossa vida.

Falar sem temor, com convicção e amor, então não será difícil vermos almas ganhas para Jesus. Sim, a colportagem é o meio mais rápido e eficiente de levar a luz da verdade ao povo. Aproveitemos este meio enquanto Deus nos concede a vida e a saúde, assim como o privilégio de sermos obreiros na Sua Causa.

Deveis semear a preciosa semente com toda a confiança e um dia o Senhor fará produzir os seus frutos abundantes.

O trabalho da colportagem é maravilhoso, quando feito com amor e submissão ao Mestre. Cristo está sempre ao lado do colportor, por que temer?

Colportores, coragem e confiança em Deus, que breve teremos Angola toda semeada com a bendita mensagem do advento e muitos milhares de almas ganhas para Jesus.

Sede firmes e fiéis que recebereis a coroa da vida!

Prezado jovem que ledes este artigo, por que hesitais em ingressar na colportagem?

Escreve ao Departamento de Publicações que te serão dadas explicações e orientações acerca deste maravilhoso trabalho.

Sê um colportor-evangelista e muitas almas ganharás.

Guilherme M. Glória

Como deixar de falar da vida alheia em cinco dias

por Benito Raymundo

A princípio, quando comecei a compor estas linhas, pensei em escrever um livro que fosse uma espécie de cartilha, útil no combate à maledicência, pecado que infelizmente lavra em nosso mundo como o indesejável carrapicho em roça abandonada.

Logo, porém, que pus mãos à obra, o irmão X veio a mim com estes conselhos insistentes:

— Pastor! Não faça isto! Já existem tantos livros encalhados por aí. Para quê mais um? Depois... este assunto é tão insípido! O senhor não terá coração para dissecá-lo até ao fim e ainda que conseguisse concluí-lo, não encontraria público que se interessasse por ele, a não ser alguns ingénuos que, como o senhor, pensam que este mal pode ser erradicado! Não perca tempo, pastor! Fazer nosso povo deixar de falar da vida alheia é como tentar segurar os ventos ou como querer reprimir o vaivém eterno das ondas do mar! Além disso, que poderá fazer um livreco satírico para combater um mal mais insidioso e alastrado que o próprio cancro?

Tanto este irmão insistiu comigo, com tais e tais argumentos que atirei para longe a pena, empacotei os planos e já ia desistindo de tudo, quando o importuno me fez voltar à luta arguindo-me desta maneira:

— Pastor, porque não faz uma tentativa, escrevendo resumidamente o curso, através da Revista? Por que atirar fora todo este material quando há tanta gente necessitada por aí, esperando por uma alma caridosa que lhes ensine como romper com este vício? Por que deixar arder este fogo destruidor, quando umas canecadas de Água da Vida poderia extingui-lo? Não vê que o mal cresce à medida que o amor mirra nos corações e que até alguns que deviam ter uma língua erudita para só anunciarem as boas-novas do Evangelho, já estão contaminados e vão-se transformando em agentes da maledicência? Não ouve os gemidos surdos, abafados, daqueles que sentem na carne as estocadas traiçoeiras das línguas desenfreadas, que atacam pelas costas? Não sente a dor dos que assistem amargurados à cena repugnante dos modernos fariseus arrastando suas vítimas para a cerimónia selvagem do apedrejamento? Não comove seus mais ternos sentimentos assistir à evasão dos escorraçados, que anualmente emigram das nossas igrejas, banidos pela vergasta envenenada de línguas santas que se entrelaçam para fustigar aqueles que tiveram a infelicidade de cair em tentação? Não percebe que aumenta cada dia o número dos voluntários, que gratuitamente se oferecem para esmagar a cana trilhada, para apagar o pavio fumegante da fé, para desalentar os tristes e abatidos e correr com todos quantos não vivem segundo suas normas vesgas e farisaicas? Não revolta assistir entre nós à circulação rasteira de marretas, de apolos e outras circulares anónimas, pejadas de afrontas e insultos e saber que o diabo, num requinte de perversidade rotulou esses escribas pusilânimes, de irmãos em Cristo, de Adventistas do Sétimo Dia, quando qualquer bando de renegados hesitaria em recebê-los em suas fileiras? Não incendeia o coração ver esse pequeno grupo de embusteiros, pretensos salvadores da pátria, tentando transformar a Igreja de Deus, num anarquisado sindicato, onde a língua é punhal afiado e o escudo, o esconderijo da mentira? Vai deixar que os abutres façam ninhos nas cumeeiras das igrejas, olhando do alto nossas aflições, grasnando contra aqueles que arcam com o peso da responsabilidade

de conduzir, nesta hora trágica e violenta, o povo de Deus? Não vai fazer nada por essa gente miúda que vive rodeando nossos acampamentos, como corvos à caça do prato predilecto?

— Vamos! Reverbera enèrgicamente contra este pecado! Toma o azorrague usado para expulsar os vendilhões do templo e fustiga com ele, as costas impunes dos cavilosos maldizentes!

— Embebe essa pena nas lágrimas daqueles que foram injustamente castigados pelo açoite de línguas enganadoras e carrega sem piedade contra todos os ímpios murmuradores, crivando-os de anátemas da cabeça aos pés!

— Alto lá, irmão X. Por favor, não distorça minhas intenções! Pensei apenas em dar um curso que ajude a libertar o escravo deste vício! Não estou aqui para chicotear e nem para amaldiçoar ninguém! Desejo ser suave e brando para apontar ao falador errante um caminho melhor e mais feliz!

— Não se esqueça, porém, que o senhor estará lidando com serpentes venenosas e que toda a prudência é pouca!

— Irmão X, não seja ferino! Assim você espanta os meus alunos! Tenho a certeza de que até o mais empedernido maldizente conduzido com jeito e com brandura pode ser recuperado! Este curso visa instruir e esclarecer para salvar! Não posso usar uma linguagem rude e violenta como você está insinuando!

— Bem, pastor! Eu vou ser franco com o senhor. Não creio que um curso assim logre algum resultado!

— Mas será baseado na Bíblia e no Espírito de Profecia! Você não crê no poder da Palavra de Deus, irmão X?

— Creio, pastor, porém, essa gente que vive falando por aí, já está vacinada! Só um milagre, ou uma séria cirurgia, poderia silenciar a maldição de suas falas!

— Irmão X, você é muito violento. Gostaria que me ajudasse a ministrar o curso, mas assim você só está atrapalhando. Não o compreendo! Insiste comigo para que faça alguma coisa pelos maldizentes e depois é o primeiro a desalentar-me criando obstáculos. Dou ou não dou o curso?

— O senhor deve dar o curso, mas nada de branduras! Para mim, ensinar um maldizente é como domar uma fera! Com fisgas e chicote nas mãos!

— Irmão X, por favor, retire-se! Não insulte mais essa pobre gente! Hei-de dar o curso como sei que deve ser e vou provar-lhe que o amor é mais forte que o ódio, e que os métodos de Cristo são superiores a todas as violências do diabo!

— Está bem, pastor, mas acho que o senhor vai gastar latim inùtilmente! Maledicência não tem cura e quem lida com ela arrisca-se a contrair o mal!

— Irmão X !

— Pastor, maledicência é peste perniciosa! O maldizente como o cão raivoso, porta em sua saliva pegajosa e baça o vírus da morte e da destruição. A diferença do mal entre um e outro é apenas esta: O cólera morbus do cão mata ùnicamente o corpo, ao passo que o vírus da maledicência ataca o corpo, o espírito e a alma e ainda vai mais longe em sua trajectória destruidora. Ataca a família, conspurcando a honra, enlameando nomes, dissolvendo alianças fundidas ao pé do altar. Separa amigos, levantando barreiras intransponíveis criando inimizades, instigando a inveja, o ciúme, a vindita, adestrando mãos inocentes para o crime. Atinge a Igreja, corroendo a espiritualidade dos seus membros, espalhando a desconfiança, a mornidão e inutilizando todo o seu trabalho missionário!

— Está certo, irmão X. Eu sei que maledicência é maldição, e que este é nosso pecado! Este é o pecado que está matando espiritualmente alguns dos nossos irmãos e que irá levar muita gente boa, acompanhada por alguns obreiros com as suas Bíblias e hinários surrados debaixo do braço para a completa perdição. Creio que por ser um mal tão miserável assim é que deve ser combatido!

— Sim, perfeitamente, pastor! Só discordo do senhor quanto ao método de combatê-lo. Prefiro a espada de

Continua na pág. 16

«... Virei outra vez ...»

por A. Casaca

«...Virei outra vez...» prometeu solenemente o Salvador. Por isso através dos séculos a Igreja confiando na palavra do seu Divino Fundador, tem aguardado o cumprimento de tão grande e inefável promessa.

Firme e rutilante, nos primeiros séculos do Cristianismo esta bendita esperança, sabemos como se foi obliterando com o decorrer dos anos, de acordo com o plano de Satanás de desviar as mentes dos homens das Verdades Eternas.

Foi sempre a mesma táctica, a de Satanás: desvirtuar a verdade, alterá-la, substancialmente, negá-la, matá-la.

Já assim procedeu, a propósito do Primeiro Advento.

Toda esperança, a grande esperança do Povo Escolhido assentava na Vinda do Messias. Vivia para o cumprimento daquela divina promessa. Todas as famílias — nomeadamente as da casa de David da tribo de Judá — ansiavam por terem no seu seio o Messias prometido. As donzelas — todas as donzelas da privilegiada casa de David — suspiravam por virem a ser mãe do Messias. Era uma tristeza inconsolável um lar sem o sorriso das crianças, um lar sem filhos. As jovens noivas formulavam preces ardentes para poderem ser elas a mãe do Messias. Todos os jovens maridos aspiravam a poder ser os ascendentes, porventura, os progenitores do Messias. Mas Satanás já de há muito desvirtuara o conceito messiânico desse «menino (que) nos nasceu, um filho (que) se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.» (Isaías 9:6).

Formara-se a ideia de que o Messias seria um grande general que à frente das suas tropas expulsaria os Romanos.

Estava totalmente pervertida a ideia messiânica; Satanás embotara as mentes do Israel literal para o afastar do Messias, da sua verdadeira missão, da sua verdadeira Personalidade.

Finalmente, chegada a plenitude dos tempos, o Messias entrou neste mundo, entrou na História da Humanidade.

Ninguém o aguardava, porque as mentes dos homens haviam sido desviadas por Satanás, da verdadeira concepção messiânica.

«Com pasmo viram os mensageiros celestiais a indiferença do povo a quem Deus chamara para comunicar ao mundo a luz da sagrada verdade. A Nação judaica fora conservada como testemunho de que Jesus Cristo havia de nascer da semente de Abraão e da

linhagem de David; não sabiam, contudo, que a sua vinda se achava às portas. No templo, o sacrifício matutino e vespertino apontava, diàriamente, para o Cordeiro de Deus; nem mesmo ali, contudo, havia qualquer preparação para o receber. Os sacerdotes e doutores da nação ignoravam que o maior acontecimento dos séculos estava prestes a ocorrer. Proferiam as suas orações destituídas de sentido e realizavam os ritos do culto para serem vistos pelos homens, e, assim, na sua luta pelas riquezas e honras mundanas, não estavam preparados para a revelação do Messias. A mesma indiferença penetrava a terra de Israel. Corações egoístas e absorvidos pelo mundo, ficavam impassíveis, perante o Júbilo que comovia o céu.» (O Desejado de todas as Nações, págs. 31 e 32).

Foi assim, com o Primeiro Advento. «Veio para o que era seu, e os seus não o receberam» (João 1:11).

E não ficou, por aqui, a obra satânica de desvirtuar a ideia messiânica, por ocasião do Primeiro Advento. Agora mesmo — que este Primeiro Advento representa um facto histórico, cujo significado já se realizou, agora mesmo, nestes nossos tempos, Satanás continua a desviar as mentes dos homens para aquilo que não tem importância real. Conseguiu prender as atenções da humanidade cristã no quadro — decerto cheio de poesia e de ternura — do Presépio, com o que os homens esquecem a grande realidade do Segundo Advento.

«Virei outra vez», disse Jesus, quando se preparava para deixar este mundo, quando se preparava para morrer, para nos dar a vida. Eis a grande lição que temos de tirar desta quadra simpática do Natal: Jesus virá outra vez. Veio, já, real e pessoalmente, por ocasião do seu Primeiro Advento, quando há cerca de dois mil anos nasceu na pequena aldeia de Belém, ao Sul de Jerusalém.

Pois aquilo que hoje é meramente secundário, está transformado num elemento de primeira grandeza. É mais um dos ardis de Satanás para desviar as mentes humanas do Segundo Advento.

Hoje, infelizmente, por toda a parte, só se pensa em solucionar todos os graves conflitos — sinais percursores do Segundo Advento — por meios simplesmente humanos. As próprias Denominações Cristãs se associam ao Mundo e dão-se as mãos entre si, para solucionar, da mesma maneira tais problemas.

E, assim, se vão esquecendo de que o Senhor está às portas.

Assim vai Satanás desviando os homens, cada vez mais, para este Mundo e para os seus problemas.

Bem sabemos, porém, que chegámos à plenitude dos tempos, que pré-anunciam o Segundo Advento.

Todos os sinais preditos pelo Salvador se estão cumprindo, literal e rigorosamente aos nossos olhos.

Preparemo-nos, pois, para o Segundo Advento. A melhor preparação, precisamente aquela que o Salvador nos pede é esforçarmo-nos por abreviar a sua Vinda, a sua Volta, o seu Segundo Advento.

O Natal, o Primeiro Advento, que nos trouxe, pela vez primeira o nosso bendito Salvador, foi condição indispensável, para a sua gloriosa Volta, para o seu Segundo Advento.

Que o Senhor nos dê muito feliz Natal com o penhor de que, muito em breve e, também, com a vossa entusiástica e generosa colaboração possamos comerorar o Segundo Advento do nosso bendito Salvador.

Através do Mundo Adventista

COLÔMBIA

Trezentas crianças católicas na Colômbia, foram preparadas para a primeira comunhão na sua igreja estudando um curso Adventista do Sétimo Dia. O seu padre vendeu exemplares do «Conflito dos Séculos» a 16 freiras e sacerdotes, e tem ajudado um colportor a vender mais de 600 Bíblias. Tudo começou numa casa de produtos secos em Valledupar.

O dono desta loja é Adventista. O seu nome é José Mandón. Todavia, José sentia-se preocupado porque não podia encontrar suficiente tempo para fazer trabalho missionário. Embora quisesse fazer mais pelo Senhor, o seu negócio impedia-o de concretizar o seu desejo. Finalmente tomou a decisão de agir nesse sentido.

Pouco depois de tomar essa decisão, em 1970, o secretário de publicações da Colômbia visitou a igreja de Valledupar num dia de Sábado, e apelou para que os membros da igreja se tornassem colportores evangelistas. Como resultado, José decidiu trespassar a sua loja a fim de ir vender livros.

No fim do ano tinha vendido livros no valor de 84.000 pesos (121.000$00), pondo-o no segundo lugar de melhores vendas entre os colportores. Vendeu ainda mais que aquele que o iniciara na colportagem. No momento em que lhe foi atribuído um troféu por ser um dos melhores colportores, e por ter ganho cinco almas para Cristo, decidiu ganhar os troféus novamente em 1971. De Janeiro a Outubro de 1971, José Mandón teve um total de vendas de 169.000 pesos (242.000$00) fazendo assim o dobro do total do ano anterior.

Mas esta é apenas parte da história. Na cidade de Santa Marta, onde estava a trabalhar, visitou um sacerdote chamado Tobón, a quem apresentou o «Conflito dos Séculos». O padre Tobón comprou o livro e leu-o. Tomou então a decisão de entusiasmar outros membros da sua ordem a comprar o livro. Como resultado, vendeu 16 exemplares do «Conflito dos Séculos» a outros sacerdotes e freiras. O padre Tobón consultou então alguns dos seus colegas e pediu a José para visitar as escolas deles dependentes. Convidou ainda José a ir com ele a Ciénaga, a segunda maior cidade do estado de Madalena. Dirigiram-se a uma escola, e o padre Tobón perguntou à madre superiora acerca do programa que estavam a seguir naquele momento. Ela replicou que estavam a preparar 300 crianças para a primeira comunhão. O padre Tobón sugeriu então que seria o momento ideal para as ensinar da Bíblia directamente em vez de o fazer do catecismo. «Apresento-lhe o senhor Mandón, que pode ensinar estas crianças acerca do que a Bíblia diz.»

«Muito bem, senhor padre, o senhor é que está com a responsabilidade desta casa, e faremos como diz», concordou a freira.

E assim durante mês e meio, José Mandón instruiu as trezentas crianças para a primeira comunhão, por meio do curso «A Bíblia Responde». No dia da primeira comunhão José ofereceu os certificados do curso a todas as crianças, aos professores e à madre superiora. Inscreveu então as crianças no curso da Escola Bíblica Postal. Entretanto o padre Tobón ajudava José a vender cerca de 600 Bíblias.

Rómulo Lozano

No dia em que a dor acabar

Segundo uma notícia recentemente publicada, «Antes de 1980, *com certeza,* ou seja nos próximos 10 anos, o homem terá descoberto o «analgésico total» e ninguém mais sentirá dor.» «Longe de contribuir para a escravização do homem, a ausência de dor contribuirá para a sua libertação e para que ele possa desenvolver ao máximo as suas capacidades humanas».

Segundo estudos igualmente realizados por alguns cientistas «a dor, teòricamente, seria registada por pequeníssimas ramificações dos terminais dos nervos sensitivos do tecido epidérmico e subepidérmico.

Estudos feitos acerca da psicologia da dor, desde há 100 anos, têm provado que homens feridos em combate, mesmo gravemente, não sentem dor ou sentem-na duma forma muito mais suave. Em cada três feridos, segundo a estatística apresenta, só um chega a dar conta imediatamente do ferimento, quando se encontravam excitados pela dor. Isto foi constatado, também, com atletas ou com feridos preocupados com a sorte de outras pessoas.

Por outro lado, não é novidade também, que o medo à dor, activa de tal maneira os terminais nervosos que, normalmente, o indivíduo sofre de facto muito mais.

As sensações nervosas são transmitidas ao cérebro através de dois tipos de fibras nervosas: Uma que transmite a dor rápida e outra que transmite a dor lenta. A primeira sensação corre a uma velocidade de 15 a 20 metros por segundo. Enquanto a segunda se transmite a 0,60 m. por segundo. A dor rápida coincide com as situações de maior perigo físico para o homem, e, por isso, é transmitida mais depressa.

O Dr. Labarit, célebre cientista que se tem dedicado a este estudo, anuncia algo de revolucionário para o futuro. Diz ele: Por enquanto todos estão à procura de um meio para fazer passar a dor, isto é, evitá-la «momentâneamente». O novo caminho, segundo aquele cientista, permitirá acabar com a dor.

Outra teoria nos apresenta haver uma «memória da dor». A dor não passa assim que cessa o estímulo doloroso, em função desta memória que é capaz de guardar «uma impressão da dor.» É conhecido o caso de pacientes que tiveram que amputar uma perna e continuaram a sentir a dor no pé, que já não tinham. Como a outros acontece sentir a dor no dente que foi arrancado.

Para combater a dor, actualmente, é preciso bloquear a acção das substâncias que excitam os terminais da dor, inibindo ao mesmo tempo as substâncias que fixam a memória dolorosa. Por outras palavras necessitamos de analgésicos capazes de acção local e acção central.

No futuro, esperam os cientistas, ninguém mais sentirá dor, «porque ela vai deixar de existir e não ficará nem na sua memória.»

São interessantes estes estudos, conclusões e profecias sobre a dor. Nas Sagradas Escrituras, também o assunto da dor é apresentado.

A dor é algo que foi introduzido neste mundo, com o pecado. Antes ela não tinha lugar num mundo perfeito. Em Gén. 3:16, o Senhor diz: «Multiplicarei grandemente a tua dor.» Deus na Sua ira lhes dá dores. (Job 21:17). Deviam os homens passar a comer «o pão de dores» (Salmos 127:2).

As dores podem ser de duas naturezas: a dor física (Miq. 4:10) «sofre dores» ou dor moral — Rom. 9:2 «continua dor no meu coração.»

Os profetas testemunharam muitas vezes a sua dor porque o povo não atendia ao chamado do Senhor.»

Jeremias 15:18 «a minha dor» frase que encontramos repetida em Lamentações 1:18 e Daniel 10:16.

Referindo-se a Jesus Cristo, as Sagradas Escrituras em Isaías 53:3 chama-Lhe «homem de dores» e no verso 4 diz que Ele carregou com «as nossas dores.»

Também quando se refere à época que antecederá o fim, chama-lhe o «princípio das dores» Mateus 24:8; 13:8; Apoc. 16:11.

Há finalmente, nas Sagradas Escrituras uma promessa de que realmente a dor será abolida. Não se trata de meras conjecturas como aquelas que os homens fazem, nem será uma abolição passageira.

Ao mesmo tempo e contràriamente àquilo que acontece agora que só algumas pessoas têm à sua disposição «analgésicos», esse privilégio será estendido à população de todo o mundo. Existem hoje pessoas que ao mais pequeno sinal de dor tomam um analgésico. No entanto milhões de pessoas não os podem usar e mesmo nem sabem da sua existência.

Uma pequena minoria desfruta também já hoje de verem atenuadas as dores na altura do parto.

Mas a promessa das Sagradas Escrituras atinge todas as pessoas, de todas as raças e condições sociais e, ao mesmo tempo atinge tanto a dor física como espiritual.

Em Apoc. 21:4 diz: «Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor...»

Estas certezas das Escrituras Sagradas são mais importantes e evidentes para nós do que todas aquelas que os cientistas dizem poder alcançar nos próximos anos.

O nosso alvo é alcançar a vitória sobre a dor, não devido a analgésicos mas sim devido a uma mudança da natureza humana. Não temos outra esperança e outro alvo a alcançar.

Então poderemos viver felizes para sempre nesse mundo em que não sofreremos mais.

J. Morgado

NATAL

Natal e ainda há dor pelos caminhos;
ainda há nos corações ódio e vingança!
Pai! Por que o homem não se faz criança
e não perdoa os maus — os pobrezinhos?

Há promessas de Luz na noite mansa,
e o Bom Jesus, dos celestiais cadinhos,
bênçãos de Amor derrama sobre espinhos,
derrama sobre as almas a bonança!

Mas, ainda há imprecações pelos caminhos...
Perdão, Jesus! Perdão aos pobrezinhos!
Perdão por tantas iras, tanto mal!

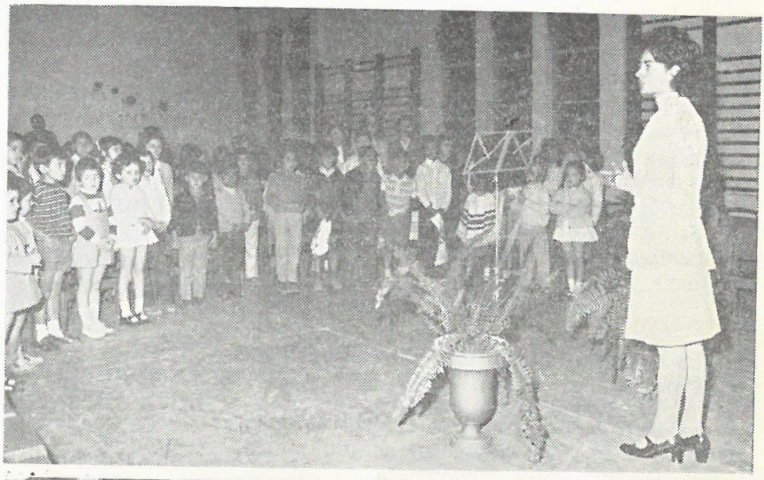
Aos que nos ferem e ainda ferirão,
por nosso egoísmo e nossa imperfeição,
perdão, Jesus! É Noite de Natal!

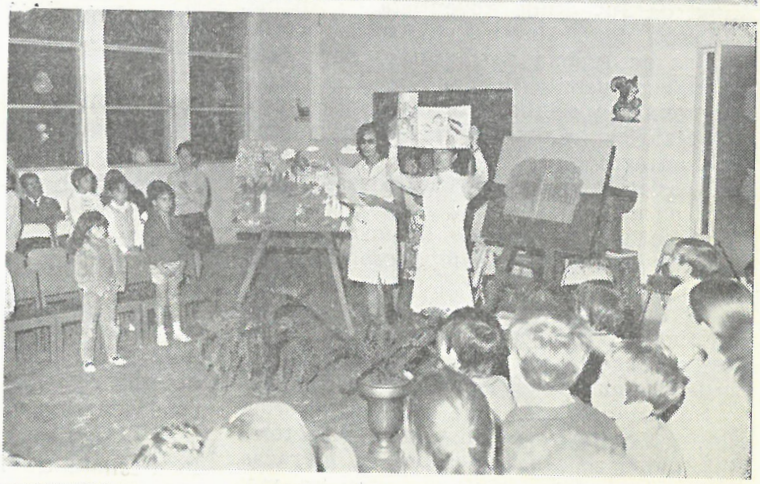
— Leonardo Henke

Notícias do Campo

ESCOLA CRISTÃ DE FÉRIAS EM NOVA LISBOA

Decorreu de 24 de Julho a 5 de Agosto com bastante entusiasmo, a nossa E.C.F. em Nova Lisboa. Uma média de 120 crianças entre os cinco e catorze anos frequentaram diàriamente a nossa escola. Estavam separados por classes, tendo no entanto, uma grande parte de actividades em comum. Hinos, histórias, jogos, trabalhos manuais e slides, tudo contribuiu para que o entusiasmo dos nossos pequenos aumentasse de dia para dia. Por vezes torna-se difícil coordenar programas agradáveis simultâneamente para crianças de 5 anos e jovenzinhos de 14, mas com um grande auxílio da parte do nosso Deus tudo se fez de maneira a agradar a todos. E no último dia, sábado à noite, por ocasião de grandes festejos na cidade, ao realizarmos o nosso programa de encerramento, ficámos deveras surpreendidos ao verificar que o nosso salão ficou quase repleto de pais e mães que vieram para assistir e acompanhar os seus filhos. Isto encheu-nos de alegria, pois deu-nos também a certeza de que os pais estiveram acompanhando os seus filhos enquanto durou a E. C. F. E a nossa satisfação redobrou quando alguns pais agradecidos, nos afirmaram estarem os seus educandos modi-





Aspectos da Escola Cristã de Férias, em Nova Lisboa

ficados em certos aspectos. Resta-nos mencionar que a maior parte das crianças eram filhos de pais não adventistas.

Prezados irmãos, a semente está lançada. Não sabemos os frutos que colheremos, mas ficámos certos, mais uma vez do grande privilégio que nos é dado de trabalhar a favor de nosso Mestre. Um «Muito Obrigado» sincero a todas as irmãs que não se pouparam a esforços para que a nossa E. C. F. fosse um êxito. E aqui fica o nosso veemente desejo de que continue ano após ano, em todas as igrejas e missões um entusiasmo sempre crescente, pois isso contribuirá não só para a salvação de almas para Deus, como também para o abreviamento da vinda de Jesus.

Leonilde Tavares Dias

ACAMPAMENTO ESTADUAL DA JUVENTUDE ADVENTISTA

De 10 a 20 de Agosto, realizou-se nos terrenos da Vila Nova, o acampamento anual da Juventude Adventista de Angola.

Cerca de 80 jovens vindos das várias Igrejas de Angola se reuniram para confraternizar durante 10 dias.

Tivemos a colaboração do Pastor António Maurício e desfrutamos já de alguns melhoramentos especialmente dum lugar para a cozinha no edifício pousada para a Juventude.

As actividades normais do acampamento desenvolveram-se no campo espiritual, físico, etc.

Os trabalhos manuais dirigidos pela Irmã Judite Lorena, a hora do banho, os jogos, a fogueira com o seu jornal, são recordações que os jovens não esquecem.

No entanto, creio que a maior recordação foi a do fogo que uma «Mão Protectora» evitou que se lançasse sobre as barracas. O Senhor esteve connosco naqueles momentos difíceis.

Esperamos que no próximo ano já o nosso Parque de Campismo M.V. disponha de outras facilidades que tornem a estadia mais agradável a todos.

J. Morgado

Como deixar de falar da vida alheia em cinco dias

Continuação da pág. 9

Pedro para decepar orelhas que ouvem e línguas que tramam a usar o método do amor com os abomináveis!

— Irmão X, onde você viu a violência, o ódio criarem alguma coisa? Se o amor, a paciência e a tolerância não conseguirem plantar a bandeira branca da paz na cidadela inflamada do coração, quem o conseguirá?

— Está bem, pastor! Vai nesta sua fé! Oxalá eu venha a ficar humilhado diante dos resultados do seu curso. Preferiria ter que retratar-me a ver o senhor, desapontado, vencido, humilhado até ao pó, sem conseguir diplomar um só dos seus alunos! Para que isto não aconteça o senhor terá que lutar muito! A tarefa a que se propôs é gigantesca e só poderá levá-la a bom termo se possuir a perseverança, a sabedoria e a coragem de um Pasteur! As empreitadas são em tudo muito semelhantes...

— Irmão X, sou um pastor e não um microbiologista! Estou lidando com almas e não com micróbios. Que semelhança há entre minha humilde missão e a do insigne benfeitor? Não seja irónico e irreverente, meu irmão!

— Pastor, não faço analogia por desrespeito à pessoa humana! Mas, pensando bem não poderia evocar outro vulto que calhasse tão bem diante da obra que o senhor tem pela frente!

— Explique-se irmão X.

— Como o senhor sabe, Pasteur foi o criador da poderosa vacina anti-rábica, que debelou a peste virulenta e perniciosa que grassava livremente... na boca dos cães.

— Irmão X! Basta! Nenhuma palavra mais quero ouvir dos seus lábios! Você será meu primeiro aluno, e como castigo por suas insolências, pegue estas fichas e vá de igreja em igreja desde o alto Amazonas até aos últimos recantos ... de Santa Catarina, inscrevendo os maldizentes, os intrigantes, os caluniadores, os críticos, os acusadores, os boateiros, os tabelinhas, enfim, todas as línguas afiadas e todos quantos, directa ou indirectamente, participem deste vil pecado para que assistam às aulas que se seguirão!

Visado pela Censura